

REFLEXÃO SOBRE MATIAS AIRES

Ariano Suassuna

1. — Matias Aires, o Ser e o Trânsito.

Um dia escreverei mais detidamente sobre ele, mas não posso deixar de me referir de passagem, aqui, a esse grande homem, o qual, além do grave pensamento que nos legou, escreve nesta extraordinária Língua portuguesa com tanta dignidade, tanta eloquência verdadeira, tanto vigor, tanta concisão, e sobretudo com um gume tão acerado a serviço do escárnio do mundo e dos homens, tateando no escuro, no barro e no fogo que queima o apodrecido, à procura do lume da Verdade, até que, quando o encontra cai sobre ele como um Gavião, com uma força de rapina realmente espantosa.

Matias Aires parte da intuição do mundo como se ele fosse aquele "frontispício cujo ornato consiste na desordem" ao qual ele se refere numa descrição barroca de arquiteturas e esculturas. Nesse **frontispício**, o homem se vê arremessado sem consulta, e o resultado é a insegurança, a vanidade que informa o próprio fundamento do Ser, realidade a um tempo poderosa e frágil, da qual participam o homem e o universo de coisas reais que o envolve. Assim, o Ser fundamentalmente positivo, é ameaçado em seus fundamentos pela destruição do Vir-a-Ser, força negativa e contrária. Mas, assim como

o Ser tem essa porção de Nada inserta nele, o Vir-a-Ser, cujos agentes nefastos são o Tempo e a Morte, contém também em si, com a Destruição, um elemento erótico e vital de Ressurreição, uma nova possibilidade de renovação e florescência da Vida, idéia que posteriormente é retomada pelo Pensamento brasileiro através de João Ribeiro.

Esta é a primeira união-de-contrários brasileira que caracteriza o pensamento de Matias Aires. Outra consiste em afirmar implicitamente a natureza complexa e enigmática — e não simples e clara — da Beleza.

2. — O Belo e o Feio, Elementos da Beleza.

Já afirmei, antes, que uma das afirmações fundamentais desta tese é a de que a visão brasileira da Beleza não pode se esgotar e se explicar com a do Belo clássico, isto é, com aquele tipo especial de Beleza criado a partir do que na Natureza já é belo, e que se caracteriza pela serenidade, pela medida, pela ordem e pela luminosidade serena do racional. A Beleza, para os povos castanhos da Rainha do Meio-Dia em geral — e para os Brasileiros em particular — inclui necessariamente outras Categorias mais ásperas, criadas a partir daquilo que, na Natureza, é feio, grotesco e até repugnante. E essa idéia já aparece em Matias Aires quando ele escreve:

"A Arte leva consigo uma espécie de rudeza; a formosura atrai só por si, e não pela sua regularidade; desta sabe afastar-se a natureza, e então é que se esforça e produz coisas admiráveis; do fugir das proporções e das medidas, resulta muitas vezes uma fantasia tosca e impolida, mas brilhante e forte". ("Reflexões sobre a Vaidade dos Homens", Livraria José Olympio Editora, Rio, 1953 (1.ª edição publicada em 1752), pg. 14).

Assim, ele afirma a existência da Beleza baseada em tudo aquilo que, ao contrário do Belo clássico, é desproporcionado e assimétrico, tosco e impolido, mas brilhante e cheio de força. Entretanto, ele não esquece nem despreza o tipo oposto de Beleza, aquele que se baseia no Belo e no Gracioso. No variado e enigmático campo da Beleza, tão diversificada em sua unidade final, dá, também, importância igual ao Belo, seja o da Arte, seja o da Natureza. Diz ele:

"Não temos liberdade para deixar de amar a formosura do Mundo e das suas partes... A variedade das cores, o movimento dos brutos, o canto das aves, o elevado dos montes, o ameno dos vales, a verdura dos campos, a suavidade das flores, o cristalino das águas, tudo atrai a nossa admiração"... (Ob. cit., pgs. 110/111).

Mas, tendo olhos para estas partes amenas, suaves e tranquilas daquilo a que ele chama de "insigne máquina" do Mundo e de complicada "fábrica do Universo" — velha idéia que já vimos aparecer na "Ilha alegórica dos Amores, de Camões — Matias Aires vê, também, a Beleza de tipo oposto ao desta — a Beleza da desordem, do Feio, do horrível, da ruína, do terrível, do sublime e do Grandioso, tipos de Beleza cuja fruição é misturada a sentimentos de repulsa e de terror. E diz, através de seus **giros** barrocos:

"A mesma desordem e confusão nas coisas nos recreia; o furor dos elementos forma um espetáculo perfeito: o ar com os seus bramidos, a terra com os seus tremores, a água com os seus combates e o fogo com os seus incêndios. No vento, admiramos um ar, ou espírito invisível, cuja força se emprega na ruína de muitas coisas sólidas; os terremotos já reduziram em montes as planícies, e fizeram planícies dos montes, como se o mundo não tivera o seu assento firme; as águas entre si se quebram e despedaçam, e quanto mais horríveis e agitadas, tanto mais nos mostram em líquido teatro mil vistosas aparências; o fogo, ainda quando parece raio, nos diverte, e ainda quando

abrasa alumeia; a formosura até se sabe introduzir na fealdade, no horror, no espanto". (Ob. cit., pgs. 111/112).

Como se vê, Matias Aires é ao mesmo tempo horrorizado e fascinado pela visão do Ser em sua mudança contínua, em sua passagem incessante da florescência à ruína e à ressurreição. Faz assim, a seu modo, a indagação fundamental do pensamento, a tentativa mais ousada do Conhecimento puramente humano — aquela que investiga o enigma transparente e perigoso do âmago da máquina do Mundo. É a pergunta sobre o Ser e o Vir-a-Ser, sobre essa enigmática Mudança destruidora a que ele mesmo, noutra passo de seu livro amargo, chama de **Trânsito**, isto é, **passagem**. É por isso que, afirmando que "o último grau de perfeição costuma ser o primeiro na ordem da corrupção" (pg. 151), chega a dizer textualmente, numa contida mas desesperada ponderação que parece saída dos lábios daquele grave pensador que foi Heráclito:

"Nas coisas, é trânsito o que nos parece permanência... De sorte que propriamente só podemos dizer que as coisas estão acabando, e não que estão sendo". (Ob. cit., pg. 41).

Quer dizer: não é somente a destruição, pela Morte, dos seres vivos, que impressiona o pensador barroco brasileiro do século XVIII — é a destruição de tudo, até das coisas inanimadas, das rochas e minerais aparentemente firmes e indestrutíveis. Como no soneto de Gregório de Matos "A Brevidade dos Gostos da Vida, em Contemplação dos mais Objetos", não é só a fugacidade da Vida e de seus gostos que impressionando Matias Aires, é também a do Mundo e de seus objetos, que nos parecem mais imunes e permanentes:

"As pedras, de que se formam os padrões, vão perdendo a união de suas partes, em que consiste a sua dureza, até que vêm a reduzir-se ao princípio comum de tudo: terra e pó". (Pgs. 40/41).

Outras vezes, parece que estamos ouvindo, através dele, gritos e soluços antecessores dos pensadores existenciais contemporâneos, principalmente nesses instantes nos quais ele aparece assim, fascinado pela ruína devastadora desencadeada pelo contínuo Vir-a-Ser:

"A fatal revolução do tempo e o seu curso rápido, que coisa nenhuma para nem suspende, tudo arrasta, e tudo leva consigo ao profundo de uma eternidade. Neste abismo donde tudo entra e nada sai, se vão precipitar todos os sucessos... Os nossos antepassados já vieram e já se foram; e nós daqui a pouco vamos ser também antepassados dos que hão de vir. As idades se renovam, a figura do mundo sempre muda, os vivos e os mortos continuamente se sucedem, nada fica, tudo se usa, tudo acaba". (Pg. 39).

3. — Essência e Existência, Verdade e Dúvida.

Como consequência dessa fascinação pelo Vir-a-Ser, aparecem outras características existenciais e "agônicas" no pensamento desse grande barroco que teria entusiasmado Unamuno — caso este o tivesse conhecido, o que não creio. Ele parece insinuar a precedência da existência sobre a essência, da dúvida e das aparências enganosas sobre a possibilidade de penetração efetiva do Real:

"Vemos confusamente as aparências de que o mundo se compõe: os nossos discursos raramente encontram com a verdade, com a dúvida sempre; de sorte que a ciência humana toda consiste em dúvidas. Ainda dos primeiros princípios visíveis e materiais só conhecemos a existência a natureza não; porque a contextura do universo é em si unida e regular, em forma que na ordem das suas partes não se podem conhecer umas sem se conhecerem todas; por isso todas se ignoram, porque nenhuma se conhece". (Pg. 47).

4. — O Eu-sujeito e o Mundo-objeto.

Indagar-se-á, então, se Matias Aires é um "filósofo do Ser" ou do "Vir-a-Ser", da essência ou da existência, do Objeto real ou do Eu-sujeito. Creio que ele tende antes a unir dialeticamente esses contrários, deixando entrever sua fascinação pela face dupla e dúplice desses Enigmas bifrontes que são todos um só. Por um lado, ele vê uma base firme na natureza de cada coisa — e nesses momentos é seduzido pelo Ser. Por outro, vê que, no mundo e no homem, a destruição, a ruína, é um espécie de fogo que tudo reduz à cinza — mas que é esse mesmo fogo e é essa mesma cinza que tornam possível uma nova florescência, outra ressurreição. É o mesmo pensamento que, no começo do século XX, vai reaparecer em João Ribeiro, quando ele afirma:

"Tudo, neste mundo, é morte e ressurreição... Tudo é natureza e uma só, e só há dois grandes estímulos no Universo... que são as duas crises máximas: o Amor e a Morte. O Amor explica a eternidade, e a Morte a juventude do Universo... A Morte... traça fronteiras aos seres que já fecundaram, dá variedade ao eterno, e mantém a juventude universal". ("Páginas de Estética", Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1905, pgs. 91, 124/125).

Assim, Matias Aires, ao mesmo tempo que constata essa realidade do Ser, sente uma atração estranha por esse incessante passar da ruína à florescência e da vida à morte — e então toma conhecimento do Vir-a-Ser, esse outro enigma, originado dessa porção de Nada e de ruína introduzida na enigmática natureza do Ser. É por isso que em certas passagens de seu livro ele se refere à "desordem do Acaso" e à "miséria do Tempo" (pg. 50), e avança um aforismo magistral:

"A natureza de cada coisa também se compõe de seu defeito". ("Reflexões sobre a Vaidade dos Homens", ed. cit., pg. 152).

Mas, como disse de passagem, outro enigma bifronte que parece seduzir Matias Aires e que, também, é fundamental para a tese que venho sustentando, é aquele através do qual ele une a importância da Realidade exterior das coisas à do seu reflexo na Consciência humana. Matias Aires primeiro parece tomar o partido dos objetivistas, quando afirma:

"O verdadeiro ser das coisas não depende da aprovação do nosso gosto". (Ob. cit., pg. 153).

Mas é esse mesmo Matias Aires quem diz, logo depois, parecendo dizer-nos que a controvérsia é vã e que objetivistas e subjetivistas, mesmo sem tomar conhecimento consciente disso, afirmam fundamentalmente a mesma coisa:

"As coisas parece que recebem mais da forma que se lhes dá, que da natureza que têm". (Pg. 167).

A meu ver, foi o pensador negro Plotino — nascido no Norte da África e portanto surgido de um dos Povos formadores da Raça castanha da Rainha do Meio-Dia — aquele que forneceu as indicações mais valiosas e profundas para o entendimento da Beleza, definida por ele como resultante "do domínio da Forma sobre o obscuro da Matéria". Por aí se vê a importância desse aforismo de Matias Aires; tanto mais porquanto nele a **Forma** é, ao mesmo tempo, a do "verdadeiro ser das coisas" e aquela que o espírito humano lhes acrescenta ao se aplicar à sua apreensão ou intuição. É mais ou menos nesse último sentido que ele afirma que:

"as coisas parece que se espiritualizam para se entregarem a nós assim que as imaginamos", (Pg. 86).

5. — Liberdade e Necessidade.

Bastaria a existência da Morte para tornar trágico o próprio fundamento do Destino humano. Entretanto, por uma contradição curiosa, quando nós nos colocamos como espectadores — considerando-nos alheio, indiferentes e superiores ao que se representa no palco do Mundo — esse mesmo Destino humano nos parece um espetáculo cômico e até grotesco, risível, de qualquer maneira. Trágico e Cômico dependem de como se encaram a Liberdade e a Fatalidade.

Ora, para Matias Aires — dentro de sua concepção barroca e brasileira — o Mundo é um teatro, e a Vida uma representação. De modo que vai depender novamente de uma união de contrários o ângulo sob o qual se considera a Vida: ou ela é fundamentalmente uma Tragédia — com aspectos risíveis — ou então é uma Farsa grotesca e cômica, com aspectos trágicos, uma Farsa trágica. Se o homem assume o seu papel de Liberdade e tenta enfrentar a Necessidade cega, cruel e enigmática que o despedaça, é um personagem fundamentalmente trágico. Se assume os modos da Necessidade, como se procurasse um acordo com ela e recusando-se a ver os fundamentos dolorosos e dilaceradores do seu destino, ao qual ele se sobrepõe, como espectador indiferente, surge o personagem cômico — e ambos se abraçam e se identificam no estranho jogo da Vida.

Matias Aires primeiro parece se inclinar para o lado dos que acentuam que o destino humano é dominado pela necessidade, pela fatalidade, tanto assim que, como já vimos, fala na "desordem do Acaso" — uma face do Caos, da fatalidade, da necessidade — e na "miséria do Tempo" — servo do trânsito, da Morte e da ruína. Entretanto, em outros textos seus, ele se afirma como um defensor da Liberdade total do homem, chegando a se antecipar novamente aos pensadores existenciais porque declara que o homem não repete — cada homem a seu modo — uma natureza: cada homem se faz a si mesmo através de atos livres:

"O homem não vem ao mundo mostrar o que é, mas o que parece; não vem feito, vem fazer-se". (Ob. cit. pg. 87).

6. — O Mundo como Teatro.

É essa mesma união de contrários que preside àquilo que Calderón de la Barca chamava "O Grande Teatro do Mundo". No Mundo, palco batido e varrido pela ventania de fogo do Vir-a-Ser, representa-se o espetáculo da Vida, que é encenação, representação, Tragédia e farsa ao mesmo tempo:

"Que são os homens mais do que aparência de teatro?... A vaidade e a fortuna são as que governam a farsa desta vida; cada um se põe no teatro com a pompa com que a vaidade e a fortuna o põem; ninguém escolhe o papel, cada um recebe o que lhe dão. Aquele que sai sem fausto, nem cortejo, e que logo no rosto indica que é sujeito à dor, à aflição e à miséria, esse é o que representa o papel de homem. A morte que está de sentinela, em uma mão tem o relógio do tempo, na outra tem a foice fatal, e com esta, de um golpe certo e inevitável, dá fim à tragédia, corre a cortina e desaparece". (Pgs. 87/88).

E as uniões de contrários se sucedem. Nesse mundo de farsa, dominado pelo destino fundamentalmente trágico do homem, e povoado de seres enigmáticos entre os quais ele, o homem, é o ser enigmático por excelência, o desengano e aguda consciência do desconcerto descem como um raio, quando menos sob a figura e a máscara da experiência existencial e agônica da Morte. Os homens, pressentindo nela o maior escândalo e a maior humilhação que os infama, tentam vesti-la de ouropéis, a fim de cobrir, com a mão de cal dos sepulcros essa hostilidade inominável. "Nas disposições de uma pompa fúnebre", o que os homens que as organizam tentam é que "divertido e empregado, o nosso pensamento chegue a contemplar vistosa a nossa mesma morte e luzida a nossa mesma sombra" (Pg. 24). Mas todo esse esforço é vão, porque a

Morte é algo fundamentalmente desonroso para o homem: quando ela abate o edifício humano, e as pessoas, inexplicavelmente surpresas e horrorizadas, enxergam de repente um cadáver naquilo que era um ser vivo,

"O mesmo que se via com gosto e com respeito, depois, se se vê, é com horror; e isto porque finalmente veio a desfazer-se o edifício mais nobre, mais regular e mais soberbo; a melhor arquitetura jaz por terra; os mármorees ficaram sem lustro, as colunas sem força, os pórticos sem ordem, os ornatos sem graça: já se não vêem senão torres abatidas, muros arrancados, frisos rotos, bases despedaçadas: não há parte, por mais mínima que seja, em que a ruína não seja universal. É ruína em que não pode haver reparo; é templo cuja destruição não se pode reedificar por arte: os materiais confusos, inúteis já, perdida a proporção, a medida, a correspondência, o polimento, e ainda a mesma substância da matéria, tendem desordenadamente a uma transformação fatal, impura, fétida, verminosa e horrenda; a terra piedosamente se abre, como para recolher ou esconder em seu seio o mesmo que tinha saído dele; com a diferença lastimosa de receber em um cadáver, símbolo do espanto e da tristeza, aquilo mesmo que havia entregue em um homem, símbolo da alegria e da vaidade". (Pgs. 104/105).

Essa intuição do destino trágico do homem, porém, é somente um ponto de partida para a intuição pessimista e barroca daquela espécie de fatalidade que infecciona os alicerces do próprio Mundo, do qual o homem é apenas uma parte:

"Aniquilam-se os bronzes em que se gravam os combates; corrompem-se os mármoreos em que se esculpem os triunfos; e apesar dos milagres da estampa, também se desvanecem as cadências da prosa em que se descrevem as empresas, e se dissipam as harmonias do verso em que se depositam as vitórias: tudo cede à voracidade cruel do tempo. Acabam-se as tradições muito antes que acabe o mundo; **porque a ordem dos sucessos não se inclui na fábrica do Universo; é coisa exterior e indiferente.** Ainda as coisas inanimadas parece que têm um tempo certo de vida: as pedras, de que se formam os padrões, vão perdendo a união das suas partes, em que consiste a sua dureza, até que vêm a reduzir-se ao princípio comum de tudo: terra e pó". (Pgs. 40/41).

Não vejo o ritmo da prosa barroca e pessimista de Matias Aires como inferior às admiráveis cadências do exórdio do "Sermão da Cinza", de Vieira; e o seu pensamento é, sem dúvida, mais vigoroso, profundo e acerado. Muita gente já tem comparado a prosa barroca e seiscentista de Vieira com a de Euclides da Cunha, ensolarada e sertaneja. A meu ver, Matias Aires seria talvez mais revelador, num estudo comparativo entre as "Reflexões sobre a Vaidade dos Homens", "Quincas Borba" e "Os Sertões".